

O discurso sobre ciência e envelhecimento nas redes de comentários.com

(El discurso sobre ciencia y envejecimiento en las redes de comentarios.com)

Helson Flávio da Silva Sobrinho¹

¹Faculdade de Letras (FALE) – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

helsonf@gmail.com

Resumen: Para comprender el discurso sobre el envejecimiento a partir de la perspectiva del Análisis del Discurso (AD), presentamos una discusión respecto a las prácticas discursivas en la sociedad capitalista y direccionalaremos esta reflexión para el funcionamiento del internet como espacio de producción de sentidos conflictivos los cuales hacen emerger, en sus puntos de deriva, las desigualdades de las relaciones sociales. El corpus de esta investigación son fragmentos de una noticia sobre medicina regenerativa vehiculada por el periódico online (Folha.com), como también los respectivos comentarios que de los “internautas”. A partir de este análisis, comprendemos como los sentidos se desestabilizan por los cuestionamientos que materializan el choque incesante entre un dicho que se considera estabilizado y dichos otros que, a partir de la vida cotidiana, se confrontan con la “novedad” científica, abriendo el discurso para otros sitios de significación.

Palabras clave: discurso; vejez; ciencia, internet; conflictos.

Resumo: Para compreender o discurso sobre o envelhecimento a partir da perspectiva da Análise do Discurso (AD), traremos uma discussão sobre as práticas discursivas na sociedade capitalista e encaminharemos a reflexão para o funcionamento da internet, enquanto espaço de produção de sentidos conflitantes que fazem emergir, em seus pontos de deriva, as desigualdades das relações sociais. O *corpus* desta pesquisa são recortes de uma notícia sobre medicina regenerativa veiculada no jornal *online* (Folha.com), bem como os respectivos comentários dos “internautas”. A partir da análise, compreendemos como os sentidos se desestabilizam pelos questionamentos que materializam o choque incessante entre um dizer que se quer estabilizado e dizeres outros que, a partir da vida cotidiana, se confrontam com a “novidade” científica, abrindo o discurso para outros sítios de significação.

Palavras-chave: discurso; velhice; ciência; internet; conflitos.

Introdução

Inscrito na perspectiva teórica e metodológica da Análise do Discurso (AD), na linha de Michel Pêcheux, este estudo procura compreender o discurso sobre o envelhecimento que perpassa a sociedade atual. No presente artigo, iniciaremos a reflexão a partir de uma discussão teórica sobre as práticas discursivas na sociedade capitalista e, em seguida, encaminharemos o olhar analítico para o funcionamento da internet, tomando-a como um lugar de formulação e circulação de sentidos conflitantes das/nas relações sociais.

O afinamento de nosso dispositivo teórico e analítico está voltado para a análise do *corpus* desta pesquisa, pois o recorte da materialidade discursiva é uma notícia sobre medicina regenerativa que foi veiculada no jornal *online* Folha.com, em novembro de 2011. A notícia publicada pelo jornal e os respectivos comentários dos “internautas”

nos chamaram a atenção por dois motivos. Em primeiro lugar, porque entre a notícia e a manifestação (materialização) dos comentários, havia uma interpelação¹ com o seguinte enunciado: “comentar esta mensagem”. De início, esse enunciado parecia revelar uma possível interação/interlocução entre sujeitos, mas, concomitantemente, fixava o lugar de quem informava a “mensagem” (o jornal) e de quem comentava a notícia (o leitor e/ou o “internauta”). No entanto, esse espaço intervalar entre a notícia (mensagem do jornal) e os comentários (fala dos leitores) é constituído por “normas” e “mecanismos” da “informática” com que seu funcionamento ideológico é capaz de “delimitar”, “responsabilizar” e, sobretudo, “interditar” os (im)possíveis dizeres dos sujeitos.

Em segundo lugar, mas não menos importante que a primeira consideração, essa materialidade discursiva nos chamou a atenção porque também visualizamos certa discrepância entre os dizeres dos “internautas” (leitores e/ou “comentadores”) e a “mensagem” (notícia jornalística). Observamos que os comentários na internet se manifestavam, em sua materialidade histórica, enquanto espaços de sentidos conflitantes, fazendo emergir, em seus pontos de deriva/deslize,² as desigualdades das relações sociais vivenciadas nas práticas cotidianas. Segundo Zandwais (2009, p. 27), “é o campo da prática concreta, da experiência, do vivido, que determina como o real precisa ser representado e significado como discurso”. Assim, esse fato, diremos agora, acontecimento (PÊCHEUX, 2002), instigou-nos a reflexão e nos fez recorrer à Análise do Discurso para pensar como a constituição do sujeito e a produção de sentidos se dão simultaneamente, embora se realizem de modo paradoxal, pois são produzidas em condições históricas e ideológicas essencialmente contraditórias.

Vale ressaltar ainda que, com esse fundamento teórico, e instigado por certas inquietações sobre a produção de sentidos, nosso olhar se voltou, sobretudo, para os discursos que circulam na internet. Estes, por serem materialidades da ideologia, estão sempre filiados a determinadas redes de sentidos que atuam nas contradições históricas. Tais ponderações iniciais nos servem para pensar a particularidade da internet gestada nas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais produzidas na segunda metade do século XX, ou seja, a internet e suas discursividades resultam e atuam na práxis social dos sujeitos em uma conjuntura histórica determinada. A propósito, cumpre ressaltar que essa historicidade resultante da práxis social não é exclusiva do funcionamento da internet, pois as ciências naturais e/ou humanas e o jornalismo político e/ou de divulgação científica são produções sociais de sujeitos históricos em uma determinada época e sofrem os efeitos das práticas sociais. E é justamente esse complexo de questões engendradas no processo histórico, atuante no gesto de interpretação diante da formulação e circulação da notícia sobre a questão do processo de envelhecimento, que revela as matrizes ideológicas de sentidos que significam a prática concreta da existência humana.

Como veremos neste artigo, os sentidos conflitantes se manifestam, sobretudo entre a notícia e os comentários. Nesse entremeio, foi possível observar que as derivas/deslizes de sentido se iniciavam no âmbito da questão biológica e se encaminhavam para o social, o político, o cultural e, em última instância, para o econômico. Assim, consi-

1 Na Análise do Discurso o sujeito é sempre um indivíduo “desde sempre” interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 1997).

2 “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar a um outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

deramos que os comentários dos “internautas” convocados a estar ali (“comentar esta mensagem”), mas apresentados pelo jornal como dizeres “não representantes da opinião do jornal”, paradoxalmente, materializam a historicidade dos sentidos que, sutilmente, contestam e ridicularizam os interesses da sociedade capitalista postos em prática pela ciência que “deseja” tornar o envelhecimento “reversível”. No discurso dos sujeitos comentadores dessa notícia sobre ciência e envelhecimento, os sentidos se desestabilizam pelos questionamentos e também apontam para outros redirecionamentos, expondo o choque incessante entre um dizer dominante que se quer estabilizado (legitimado) e dizeres outros que, partindo da vida cotidiana, se confrontam com os dizeres da “descoberta” científica. Desse modo, abrem o discurso para outros sítios de significação.³ Trata-se de uma questão ao menos curiosa para o nosso tempo histórico que “decretou” e “propagou” o “fim das ideologias”.

Práticas discursivas e sociedade capitalista: entre o real e o virtual

Para pensar sobre as práticas discursivas na sociedade capitalista, entre o real e o virtual, iniciaremos com uma citação de Pêcheux (1997). Buscamos, assim, ressaltar que toda prática discursiva se inscreve em relações ideológicas de classes e, ao mesmo tempo, compreender que o processo discursivo aqui estudado não tem sua gênese na internet, mas, nem por isso, deixa de manifestar o seu caráter antagônico, que não cessa de produzir efeitos. Como sintetiza Pêcheux (1997, p. 257):

As modalidades histórico-materiais sob as quais a necessidade-real determina as formas contraditórias de existência do pensamento são constituídas pelo conjunto complexo com dominante das formações discursivas, ou interdiscurso, intrincando no conjunto das formações ideológicas que caracterizam uma formação social dada em um momento dado do desenvolvimento da luta de classes que a atravessa.

É relevante a articulação conceitual da teoria do discurso, pois não trata apenas o real, mas também o pensamento, como complexo contraditório. Desse modo, o sujeito é constituído nas formações discursivas, através do complexo dominante (interdiscurso) presente nas formações ideológicas, de uma formação social, em uma conjuntura histórica determinada pelas lutas de classes. Isso nos leva a compreender como a densidade dos processos histórico-materiais, com seus tensionamentos, atua, fazendo funcionar a interpelação ideológica por meio do discurso que, na sociedade capitalista, se acha subsumido à lógica do capital. Essa imbricação do dizer na práxis dos sujeitos em uma conjuntura histórica determinada é o que Pêcheux (1997) chama de o caráter material do sentido.

Com esse postulado, a Análise do Discurso não considera o sujeito nem o sentido como “sempre-já-dado”. Constituído pela ideologia e afetado pelo inconsciente, o sujeito, ao mesmo tempo em que deseja tudo dizer, não tem total controle sobre os possíveis sentidos produzidos como evidência. É que o discurso sempre se inscreve em uma formação discursiva dominante e conflitante, pois expressa uma formação ideológica contraditória, porquanto é parte da conjuntura histórica no movimento de reprodução/transformação das relações sociais de produção.

³ “Por quê? Poxa! Já pensou? Credo, do que adianta...”. Esses questionamentos são alguns dos dizeres dos “comentadores” da notícia publicada na Folha.com.

É interessante como Malmudier (2003, p. 15) conseguiu sintetizar essas inquietações tratando do discurso e da teoria e da análise do discurso, mas, sobretudo, referindo-se ao próprio Pêcheux, ao afirmar que “o discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito”. Essa intrincada questão, um verdadeiro nó sobre língua, história e sujeito, nos coloca diante da problemática das práticas discursivas na sociedade capitalista, entre o virtual e o real.

Por isso, não há como negar que a internet é fruto das transformações técnicas e tecnológicas que dialeticamente produziram efeitos sobre todas as esferas sociais, pois foi a sociedade burguesa que produziu a “sociedade em rede”, a “sociedade da informação”, a “Galáxia da internet”.⁴ Trata-se de um mundo “virtual”, mas real/material e contraditório, porque é parte manifesta das relações sociais antagônicas que lhe deram origem e, também, daquelas que hoje o sustentam, no caso em estudo, das contradições da sociedade capitalista. Como diria Pêcheux (1990, p. 9): “não há, pois, discurso, realmente falado por seres humanos, que possa se destacar completamente dos trás-mundos (ou dos pré-mundos) que o habitam”. Por isso, na perspectiva teórica à qual estamos filiados para transitar e/ou “navegar” nessa aventura teórica do discurso em rede, pressupomos sempre a existência das relações sociais e dos conflitos materiais e ideológicos de classes na produção do discurso.

Aprofundar essa questão é refletir sobre a internet e os efeitos ideológicos de seu funcionamento, evitando as querelas sobre a importância do uso ou não das novas tecnologias de informações e comunicações (TICs), ou mesmo “condenar e/ou defender” a internet, pois este não seria o caminho eficaz para resistir ao poder. A nosso ver, a prática concreta, vivida, experimentada dos sujeitos e do discurso em rede materializa os interesses da formação social do capital. Isso significa que a internet, em suas redes significantes e em sua discursividade paradoxal, materializa os conflitos ideológicos em jogo na conjuntura histórica atual. Os computadores em rede não conseguem escapar do discurso, muito menos de seu funcionamento ideológico, pois o discurso se materializa na internet e revela, paradoxalmente, nesse espaço virtual/material, os raciocínios antagonistas produzidos na/pela sociedade capitalista.⁵

Se, para Pêcheux, é a “necessidade-real que determina as formas contraditórias de existência do pensamento” (1997, p. 257), estamos diante de uma perspectiva materialista que permite retomar uma passagem de Marx, no prefácio do texto *Para a crítica da economia política*, que nos chama atenção por considerar que as explicações da realidade devem ser buscadas na vida material (relações sociais e relações de produção). Por isso Marx, contrapondo-se à perspectiva idealista, afirmava que as

[...] relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraizam nas relações materiais de vida [...] Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e

4 Segundo Castells (2003), a Internet é a base tecnológica para a forma organizacional da “Era da informação” e nasceu da interseção entre ciência, governo, atividade empresarial e sociedade em geral, que produziu uma cultura da Internet, diversificada e contraditória.

5 Sobre a questão das redes de sentidos e raciocínios antagonistas no funcionamento da internet, conferir o texto de Silva Sobrinho (2011).

independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. (MARX, 1996, p. 51)

Assim, se o discurso é efeito e trabalho, como diz Pêcheux (2002), e se as explicações devem ser buscadas nas relações materiais da produção da própria vida (MARX, 1996), podemos chegar à conclusão de que é nas contradições desse mundo tido como libertário, mas ao mesmo tempo controlador, que encontramos sujeitos produtores/consumidores/usuários com seus negócios eletrônicos com novos e velhos modelos organizacionais, com grandes e pequenos investimentos e seus desproporcionais “ganhos” e “perdas” de dinheiro. É nesse mundo que constatamos também o aparecimento de indivíduos tidos como “talentosos” e “inovadores”, contrastando com a inabilidade de muitos, tidos como “analfabetos digitais”. É, pois, justamente analisando esse mundo “virtual” – onde a velocidade conta e se impõe sobre a lentidão, um mundo onde o surgimento de outras formas de comunicação e linguagens possibilita que o virtual e o real se confrontem e se confundam e, também, se diferenciem em suas opacidades no *e-mail*, no bate-papo, no *chat*, no *blog*, nas comunidades virtuais e nas redes sociais de relacionamentos – que, contraditoriamente, podemos compreender como a internet não é apenas o resultado do desenvolvimento “técnico”, pois ela resulta da e está fundamentada na práxis social dos sujeitos em uma conjuntura histórica determinada.

Portanto, se entendemos as condições de produção como necessárias à compreensão de todo discurso, poderemos perceber que as contradições da sociedade capitalista não desapareceram, nem se desmancharam no ar, nem muito menos foram interdidas no momento de “acesso” à “Galáxia da internet”. Assim, sejam quais forem os argumentos, os discursos são produções da própria ideologia em seu funcionamento na luta de classes. É que as relações de produção na sociedade capitalista (seja ela da “informação”, das “novas tecnologias”, do presente/futuro de uma “sociedade em rede” e da “inteligência coletiva”) continuam sendo relações de exploração, pois a internet não se sustenta por si mesma; ela é uma produção social de sujeitos que estabelecem relações historicamente determinadas.

De fato, pressupondo a teoria materialista na compreensão do funcionamento do discurso, podemos afirmar que nada escapa das contradições advindas da relação antagônica entre capital/trabalho. Por isso, tanto a ciência, como a tecnologia, o governo, a internet, o jornalismo, as notícias e os comentários dos “internautas” não podem escapar do processo de produção nem das condições ideológicas de reprodução/trans transformação de suas condições de produção.

Em nosso entender, a utilização dos computadores em rede, bem como a aparente disjunção entre os dois mundos, “real” e “virtual”, é parte da concretude do processo de reprodução/trans transformação das condições ideológicas de produção. O espaço virtual não é uma descoberta produzida e utilizada em si mesma, como se fosse algo desvinculado da práxis social. Ao contrário, consiste em relações sociais e, por isso, também, em relações significantes e contraditórias de uma dada conjuntura histórica. Essas relações se organizam discursivamente e são afetadas pelas formas de exploração do trabalho na sociedade capitalista.

O que tem ocorrido é o aparecimento de explicações das práticas históricas da sociedade capitalista a partir da história das sucessivas mudanças e/ou descobertas das

“novas” tecnologias, como se tudo caminhasse para uma tendência presente e/ou futurista de uma nova sociedade (da informação, da tecnologia, da inovação, da democracia, do cidadão-consumidor-usuário-internauta) onde “não existem” classes sociais, nem lutas, nem antagonismo, porque “não existe” exploração do empregado pelo patrão, mas relações “horizontais” de “colaboração/parceria” entre capital e trabalho. Esses diferentes lugares e posições do sujeito no discurso, com os seus respectivos dizeres, possuem caráter contraditório. Saber como esses sujeitos, conectados em rede, são convocados a ocupar seus lugares e a agir desse (e não daquele) modo, a dizer o que dizem (e silenciar outros dizeres possíveis, tidos como impertinentes), exige, mais uma vez, articular discurso e condições de produção, sujeitos e sentidos, ideologia e história.

Jornalismo, ciência e velhice: conflitos nas redes de comentários.com

Discursos que afirmam que vivemos em uma sociedade da “informação” circulam e são ratificados pelos “avanços” tecnológicos e pela “rapidez” na transmissão de “dados” em um “mundo” “globalizado”. Na internet, o sujeito é nomeado como “usuário” e/ou “internauta”, e torna-se capaz, por meio de alguns “cliques”, de “escolher”, “navegar/surfur” “livremente” nas redes (Ciberespaço) e, também, estabelecer, de forma *online*, relações “democráticas” numa cultura tida como “universal” e “global” (Cibercultura).⁶ Eis o efeito de evidência produzido na sociedade contemporânea, mas como toda evidência, trata-se de um efeito ideológico elementar. Segundo Pêcheux (1997, p. 160), são as evidências “que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados”.

Com esse fundamento teórico, nosso olhar se volta para os discursos da/na internet, pois, por serem materialidades da ideologia, os discursos estão sempre filiados a determinadas redes de sentidos que manifestam e atuam nas contradições históricas. No caso em estudo, há também o cruzamento de outras questões que não poderíamos deixar de citar, a saber, o jornalismo e a ciência. Estamos diante do jornalismo, da imprensa, ou seja, de uma instituição. Como diz Mariani (1999, p. 53):

[...] comunicar/informar/noticiar (na imprensa) são atos resultantes de um controle exterior, vindo do Estado e do sistema jurídico por um lado, e, por outro, de um controle internalizado na própria atividade jornalística. Os efeitos ilusórios estão aí: o controle externo e interno, garantindo a objetividade (e neutralidade etc.), garantiria também a imprensa como digna de fé.

Atrelada a esse “efeito ilusório” de “informar” com “objetividade” e “neutralidade”, outra questão se coloca para nosso estudo, pois estamos também diante do um discurso de divulgação científica, marcado pelo duplo dialogismo, como afirma Authier-Revuz (1999, p. 9-10): por um lado, “*fala-se sempre com as palavras dos outros* [...] a lei de todo discurso é de fazer-se, inevitavelmente, no *meio do já-dito dos outros discursos*”, e, por outro lado, “o discurso não existe independente *daquele a quem é endereçado*, ou seja, os propósitos do destinatário são incorporados e determinam o processo de produção do discurso”.

⁶ Referimo-nos ao texto de Pierre Lévy (1998), “O que é o virtual?”, afastados, porém, da definição de “virtual” que esse autor oferece.

Para refinar ainda mais o nosso olhar teórico-analítico, recorreremos à reflexão de Orlandi (2001, p. 22-23), que ao abordar o discurso de divulgação científica (DC), enfatiza o jogo complexo de interpretação a que esse discurso está submetido, esclarecendo-nos que:

O discurso de divulgação científica não é uma soma de discursos: ciência mais jornalismo igual divulgação científica ($c + j = dc$). Ele é uma articulação específica com efeitos particulares, que se produzem pela inunção a seu modo de circulação. [...] Há um duplo movimento de interpretação: interpretação em ordem de discurso que deve, ao produzir um lugar de interpretação em outra ordem de discurso, constituir efeitos de sentidos que são próprios ao que se denomina “jornalismo científico”, que ao se produzir como uma forma específica de autoria, desencadeará por sua vez novos gestos de interpretação, agora produzindo um certo efeito-leitor.

Em virtude desse gesto analítico que demonstra a complexidade do objeto em estudo, neste momento pontuaremos algumas questões de caráter metodológico, para só então adentrarmos na análise. As materialidades discursivas que compõem o presente *corpus* foram recolhidas no *site* do jornal *online* Folha.com, em novembro de 2011, que divulgava uma notícia tida como “nova” na área da ciência denominada “medicina regenerativa”. E como estamos pensando nesse efeito-leitor, visando à análise, recortamos sequências discursivas (SD), sobretudo, dos comentários dos “internautas” surgidos após a publicação dessa notícia. E justamente nesse caráter aparentemente “estabilizado” (noticiar, informar, divulgar as descobertas científicas) buscamos a sua desestabilização, ou seja, os furos do real (no virtual) a partir dos gestos de interpretação do acontecimento da “mensagem”, pois, como afirma a Análise do Discurso de Michel Pêcheux (2002, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, [...] oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso”.

Vejamos esse funcionamento da notícia (“mensagem”) a partir da seguinte sequência discursiva:

(SD1) Estudo indica que processo de envelhecimento pode ser reversível
Cientistas franceses conseguiram recuperar a juventude de células doadas por centenários, ao reprogramá-las para o estágio de células-tronco, demonstrando que o processo de envelhecimento é reversível [...] Trabalhos sobre a possibilidade de apagar as marcas do envelhecimento celular [...] marcam uma nova etapa da medicina regenerativa.
(Folha.com, 1/11/2011 – 15h22)

Interessam-nos, nesse recorte, pistas concernentes à “problemática” da construção de sentidos sobre a velhice e o envelhecimento no Brasil e no mundo. No caso dessa divulgação científica, trata-se de um estudo realizado por cientistas franceses, que ao produzirem e divulgarem suas pesquisas, inscrevem-nas em um já-dito, ou seja, “o envelhecimento é algo a ser evitado”, sendo preciso “recuperar a juventude”. Segundo Silva Sobrinho (2007), existem relações sociais determinadas que sustentam a condição em que vivem os “velhos/idosos” e o próprio dizer sobre a velhice e o envelhecimento, constituído por discursos essencialmente contraditórios. Como afirma o autor:

É na conjuntura de uma sociedade que preza pela reprodução do capital – como diz Marx (1985), sociedade que objetiva, sobretudo, a extração do mais trabalho, subordinando assim o homem ao capital –, que aflora então um discurso essencialmente contraditório,

pois considera o ‘velho/idoso’ como digno de respeito, ressaltando uma nova moral, redefinindo novos valores e novos comportamentos, mas simultaneamente persiste na ênfase de negatividade, pois o “velho/idoso” continua a ser considerado, primordialmente, como inativo, improdutivo. (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 20)

É justamente nessa linha de pensamento que é preciso destacar a palavra “reversível”, retirada da notícia do jornal *online* (“Estudo indica que processo de envelhecimento pode ser reversível”). Essa palavra aponta para caminhos de sentido que afirmam que algo pode ser “mudado”, mas, ao mesmo tempo, também permite dizer que algo precisa ser “conservado”. Tais pistas podem ser buscadas na própria definição de “reversível”. No dicionário *Houaiss* (2009), por exemplo, o dizer aponta para sentidos de “mudança”, bem como para o “termo jurídico” – “que se submete à cláusula resolutiva, devendo retornar ao antigo dono, proprietário etc.”. Assim, para nós, essa “descoberta” da “possibilidade” de “reprogramar” as células e “demonstrar” que o “envelhecimento” é “reversível” parece ser uma notícia (“mensagem”) excepcional, mas há algo de conservador que, por outros caminhos, produz efeitos nessa discursividade que se quer e se diz “regenerativa”.

Com efeito, esperávamos do ponto de vista dos leitores/internautas, comentários “positivos” e “extasiados” sobre a notícia. Porém, notamos que isso não ocorreu, e esse acontecimento exige nos colocar no entremeio dos dizeres dos sujeitos-leitores/internautas que fizeram os comentários, para buscar compreender as posições tomadas em face da relação linguagem e ideologia.

A esse respeito, antes mesmo de nos direcionarmos aos “comentários”, é preciso destacar que quando o jornal convoca o leitor a “comentar esta mensagem”, ele lança “normas” que, de início, aparentam ser apenas “simples” “mecanismos” da internet. Porém, quando analisada do ponto de vista discursivo, essa materialidade significativa torna-se reveladora das contradições sociais. Antes de nos debruçarmos sobre os comentários dos leitores/internautas, vejamos mais um recorte da escrita do jornal:

(SD2) Termos e condições de uso – Comentários

O conteúdo de cada comentário é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal do cadastrado.

A Folha.com não se responsabiliza pelo conteúdo de nenhum comentário, o qual não é revisado. Todavia, havendo necessidade, a Folha.com reserva-se o direito de reprovar ou eliminar comentários em desacordo com o propósito do *site*.

No caso de utilização indevida das informações constantes nas páginas da Folha.com ou dos comentários, o usuário assumirá todas as responsabilidades de caráter civil e/ou criminal.

Do ponto de vista discursivo, essa materialidade significativa é reveladora das contradições sociais, pois explicita os traços que expõem os pontos nodais dos efeitos das lutas de classes na disputa pela produção de determinados sentidos. Há uma mediação que tenta estruturar, ou melhor, que parece fixar em “termos e condições de uso” o **lugar de quem fala** (jornal/ciência) e **de quem comenta as notícias** (usuário/leitor/internauta/cadastrado). Esse lugar é constituído por “normas” e “mecanismos” da “informática” capazes de “delimitar”, “responsabilizar” e interditar os (im)possíveis dizeres dos sujeitos.

O sentido de “cadastrado” – registro de informações – pode derivar para “enquadramento” do sujeito também no “código civil e penal”, pois, como alerta o jornal, “o

conteúdo de cada comentário é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal do cadastrado”. Sentidos que convocam o poder do Estado para agir sobre as possibilidades de dizer e não dizer dos sujeitos. A relação entre Estado e propriedade privada se apresenta também aqui em sua estreiteza na relação entre linguagem e ideologia. Novamente, abre-se um ponto de contradição na discursividade da sociedade capitalista. É claro que essa forma de controle sobre o dizer não se esgota nesse endereço da *web*, já que as contradições não param de se manifestar no “ciberespaço”. Cabe lembrar que o caráter lacunar do discurso e os furos na rede denunciam que algo escapa do mundo “virtual” e que determinados sujeitos “usuários” ficam/estão excluídos dessa “Galáxia”, pois nem todos têm “acesso” “livre e democrático” a ela, e/ou são (não são) “responsabilizados” por seus dizeres.

De acordo com nosso objetivo inicial, o foco agora se volta, particularmente, para analisar o discurso sobre a velhice. Este se materializa e se propaga na internet permeado pelas contradições das práticas sócio-históricas que se materializam no discurso da ciência, do jornal e dos sujeitos-leitores comentadores. Ou seja, a ideologia também se manifesta em rede, estabelecendo furos no virtual, “pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 2002, p. 53), porquanto os comentários deixam emergir os raciocínios antagonistas das relações sociais capitalistas de exploração e desigualdade entre os sujeitos. Vale ressaltar ainda que os rituais ideológicos, nesse caso, “termos e condições de uso”, comportam falhas, pois conforme Pêcheux (1990, p. 17), “levar até as últimas conseqüências a interpelação ideológica como *ritual* supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura”. Desse modo, como veremos, os sujeitos se deparam com o real sócio-histórico, que estabelecerá limites/barreiras a determinados sentidos aparentemente “bem-sucedidos” sobre ciência e envelhecimento.

Consideremos o enunciado interpelativo “**comentar esta mensagem**”. A partir de agora, na exposição dos recortes dos “comentários”, visualizaremos as questões que refletem os problemas reais/materiais vivenciados pelos sujeitos em suas práticas cotidianas.

(SD3) Poxa...! Daqui a um século já devem inventar a máquina da juventude...! Já pensou? Viver durante 200 ou 300 anos...?

(SD4) Assim o Sarney tornará-se-á o senador eterno do Amapá!

(SD5) Se ninguém morrer mais, vai ser uma explosão demográfica. E imaginem viver eternamente aqui na Terra. Querem fazer disso aqui o tão sonhado paraíso eterno?

(SD6) Credo. As pessoas cada vez mais isoladas uma das outras, o ego-centrismo, a desigualdade, o ódio, a má distribuição de renda, as doenças e tudo mais em grande crescimento e tem gente que acha que o paraíso é aqui.

Aff... Jesus Me mate agora!

(SD7) É uma notícia espantosa, mesmo que seja coisas do futuro, todos sabemos com rapidez como anda a evolução científica. Agora outra coisa é como alimentar todos estes humanos, hoje já somos 7 bilhões, e com avanço da ciência desta natureza, no futuro não muito distante, não haverá mais espaço na face da Terra, ainda bem que não estarei lá para ver.

(SD8) Não tem algo mais “urgente” para estudar e pesquisar ?? Porque com 7 BILHÕES de pragas, demanda por água e energia, degradação ambiental etc e estar pesquisando a fórmula da vida eterna... Me poupe.

(SD9) Escuto sso de celuas tronco desde os 15 anos. Hoje tenho 27 anos e não vejo nenhum avanço.

(SD10) De que adianta vida eterna se o nosso planeta esta se acabando...

Deveriam descobrir como reverter o processo de destruição do planeta Terra!!

(SD11) Ligando A, B e C, dá uma bela reflexão. Na mesma semana estima-se que tenhamos chegado a 7 bilhões de habitantes no planeta. E que este ano o Brasil se tornará a 6ª economia do mundo

(mas continua com IDH medíocre). Antes de ser boa para todos, a regeneração celular poderia ser, num 1º momento, outra forma de desigualdade entre ricos e pobres, e em seguida + uma causa de crises econômicas (aposentadorias). E crises sociais, com possíveis revoltas dos bilhões de excluídos do direito à vida longa.

Compreendemos que há derivas de sentidos engendradas no processo histórico, pois este atua no gesto de interpretação dos sujeitos sobre a produção da ciência e sobre a questão da velhice que o jornal noticia a partir de uma matriz de sentidos dominantes (“máquina da juventude”, “fórmula da vida eterna” etc.). Mas os deslizamentos acontecem, sobretudo, entre a notícia e os comentários que aparentam total discrepância entre si. Segundo Romão (2008, p. 97), a rede eletrônica

[...] desarranja lugares e imagens, distâncias e modos de dizer, além de trazer como implicação uma maneira outra de o sujeito nomear a si mesmo, de lidar com os seus (meus) comigo, de constituir-se como outro de si e outro em si, e de produzir sentidos heterogêneos, atravessados pela con-fusão de vozes, dizeres e discursos.

Tal como dissemos, nos comentários que encontramos dessa notícia também há “con-fusão” de vozes e conflitos de sentido, que se iniciam no âmbito de questões biológicas e se encaminham para o social, o político, o cultural, o religioso, e, em última instância, para o econômico. No movimento entre a notícia (“mensagem”) e os dizeres dos leitores/internautas/comentadores, algo é “reversível”, “desacreditado” (“credo!”). Tomemos, particularmente, a dicotomia que se estabelece nos dizeres entre a Terra e o paraíso. “Viver eternamente na Terra” é algo não desejado (não “sonhado”), pois “viver mais” em um mundo com inúmeros problemas – “explosão demográfica”, “pessoas isoladas”, “egocentrismo”, “desigualdade”, “ódio”, “má distribuição de renda”, “doença”, falta de “alimentação” – é algo “impensável” e, sobretudo, insuportável (“Aff... Jesus Me mate agora!”). Como vimos, ao contrário da notícia “espantosa”, os comentadores falam de “coisas” de sua vida cotidiana para lançar sentidos às “coisas do futuro” (“viver durante 200 ou 300 anos...?”). Falam de um ponto de vista que não revela preocupação em “reverter o envelhecimento”, mas em “reverter” a “destruição do planeta” e as “desigualdades sociais”. Esse é um deslocamento provocado pela experiência do vivido.

Essa relação contraditória nos faz retomar as palavras de Beauvoir (1990, p. 340): “a tragédia da velhice é a radical condenação de todo um sistema de vida mutilador: um sistema que não fornece à imensa maioria das pessoas que fazem parte dele uma razão de viver”. Isso nos permite compreender como os processos discursivos sobre a velhice, materializados nos discursos da ciência, do jornalismo, na internet e suas redes de comentários.com, revelam a historicidade do sujeito e dos sentidos. No entremeio da notícia (tida como “mensagem” a ser “divulgada” e “comentada”) e dos comentários dos internautas, evidenciamos conflitos de sentidos que esburacam o efeito de “informatividade” e “neutralidade”, permitindo derivas para outros sítios de significação e nos propondo dirigirmos o olhar para os conflitos sociais do sistema capitalista “mutilador”. Dessa forma, torna-se possível visualizar sentidos antagônicos justamente naquilo que parecia ser “irreversível” na comunicação e na não comunicação da “mensagem” jornalística.

Considerações finais

Já afirmamos que a rede não é determinante do processo histórico, mas também que ela, dialeticamente, atua na processualidade histórica em sua contraditoriedade. Quando encontramos no *site* o seguinte enunciado: “O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem”, temos certeza de que ser sujeito, enquanto um “ponto/nó” nessa rede de sentidos, implica tomar posição ideológica nos discursos, visto que a internet, ao enfatizar insistentemente a “comunicação”, a “informação”, a “inovação”, a “descoberta”, acaba por dissimular os pensamentos antagonistas fundados nas contradições das determinações sócio-históricas de sua produção no sistema capitalista.

No entanto, algo falha nesse funcionamento, já que os comentários apresentados como “não representantes da opinião do jornal” materializam a historicidade dos sentidos, contestando e ridicularizando os interesses da sociedade capitalista postos em prática tanto pela ciência que “deseja” tornar o envelhecimento “reversível” quanto pelo jornal que divulga a “descoberta”. No discurso dos sujeitos comentadores dessa notícia sobre ciência e envelhecimento, os sentidos se desestabilizam pelos questionamentos (“Por quê? Poxa! Já pensou? Credo, do que adianta...”) e apontam para outros redirecionamentos, expondo o choque incessante entre um dizer dominante, que se quer estabilizado, e dizeres outros que, partindo da vida cotidiana, se confrontam com os dizeres da ciência. Abrem, assim, o discurso para outros sítios de significação e contestação do fazer científico na sociedade atual.

Para finalizar a presente reflexão, voltemos a mais um comentário desse leitor “internauta”:

(SD12) iptu... ipva... ir... enem... mensalão... dólar na cueca... prá sempre... cruces...! blargh!

Como diz Orlandi (1999, p. 10), “se, de um lado, há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido, da linguagem com o mundo, toda formação social, no entanto, tem formas de controle da interpretação que são historicamente determinadas”. Daí ser importante reafirmar, ao final deste estudo, que não se pode abstrair, nem dessa materialidade discursiva, nem da materialidade das novas tecnologias e dos computadores em rede, o seu caráter material, ou seja, suas determinações econômicas, políticas e ideológicas. Pois a internet “na sociedade da informação” não tem um fim em si mesma – ela é um vínculo e uma mediação entre os sujeitos. Essa relação “cruzada” entre ciência (“medicina regenerativa”), notícia jornalística e comentários dos sujeitos nas “redes de comentários.com” é apenas uma das inúmeras (inter)faces virtuais/materiais das redes de sentidos, com seus raciocínios antagonistas que são formulados e que circulam na internet. Por isso, é preciso continuar a buscar a equivocidade dos sentidos “virtuais” a partir dos conflitos da vida material.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e divulgação científica. *RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – Nudecri*, Campinas, n. 5, mar. 1999.

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SCHONS, Carme Regina (Org.). *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: EDUFPE, 2011.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 [CD-ROM]. 2009.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: 34, 1998.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.
- MARIANI, Bethânia. Discurso e instituição: a imprensa. *RUA – Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – Nudecri*, Campinas, n. 5, mar. 1999.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Produção e circulação do conhecimento*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 19, 1990.
- ROMÃO, Lucília. Heterogeneidade e memória: o sujeito na trama de vozes alheias. In: ROMÃO, Lucília; GASPAR, Nádea (Org.). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- SILVA SOBRINHO, Helson. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a internet na interface do discurso. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SCHONS, Carme Regina (Org.). *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: EDUFPE, 2011.
- _____. *Discurso, velhice e classes sociais*. Maceió: Edufal, 2007.
- ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux na França*. Santa Maria: PPGL–UFSM, 2009. (Série Cogitare, v. 8).